

"Fala, Amendoeira"

18

COM certeza porque o gênero o obrigou a ser mais claro, Drummond é mais moita na crônica de jornal do que no poema. No jornal o hermetismo seria impróprio; com medo de que a prosa o descubra, ele guarda para a poesia as regiões mais íntimas de sua vivência (puxa, até que afinal usei essa palavra!) e se planta no trivial, ora sarcástico, ora lírico, mas de um lirismo policiado.

Da cidade onde vive (Rio) Carlos Drummond de Andrade pouca fala, a não ser no que atinge sua casa, seu quintal, sua calçada, no máximo seu canto de praia; mal se demora um instante na rua de São José, olhando sebos, ou dá uma espiada furtiva na antiga Livraria José Olímpio. Mesmo o incêndio do «Vogue» éle o sente de dentro de casa; assim as lufadas de um noroeste. Fora disso sente-se a história contada por um amigo (a) ou lida no jornal; há duas viagens no livro, uma a Itabira, outra a Paquetá, «Drink» é história do Ministério, como outras. Com a amendoeira da frente e a buganvília dos fundos está liquidada a flora. As evocações que possam doer mesmo, a angústia mais concentrada e tudo que se possa referir a amor (a não ser de avô pelos netinhos) tudo está proscrito.

«Fala, amendoeira» é, entretanto, um livro deste momento e deste mundo; para eles e suas inquietações está aberta a janela da rua Joaquim Nabuco. Mas a casa é menos um mirante que o asilo inviolável do cidadão, garantido na Lei, embora de água escassa e lixeiro esquivo. A tristeza urbana do Rio de nosso tempo mistura-se nele com a Tristeza dos Tempos e com a simples e talvez mais funda tristeza do tempo, de que fala a amendoeira com dignidade.

O poeta já quis consertar o mundo, e ainda hoje pode recriá-lo com veemência — mas o cronista o mira com um olho entre desconfiado e sôrno, cuidando de poupar sua simpatia humana. Ela, entretanto, se insinua aqui e ali, a propósito de amigos mortos ou vivos, um operário, uma criança, um bicho.

A prosa, como sempre, é da mais fina, e limpa. E o livro tem uma tal unidade íntima, é tão bem entoadado consigo mesmo, que, bem pensando, poderia ser uma novela ou pequeno romance de costumes.

Não importa que o leitor frequente o cronista todo dia no «Correio da Manhã»; essas crônicas, escolhidas e juntas, como que adquirem outro sabor; e são páginas de se degustar na calma.